

chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

NORBERT LIETH
RENÉ MALGO

THOMAS LIETH, SAMUEL RINDLISBACHER
FREDY PETER, NATHANAEL WINKLER

FILIPENSES

TRADUÇÃO
ROLANDO KÖRBER

1ª EDIÇÃO
2021



chamada

Der Philipperbrief
Copyright © 2021 by Verlag Mitternachtsruf
Ringwiesenstrasse 12a
CH-8600 Dübendorf

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2021 por Chamada

1ª Edição – Setembro/2021

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*
Tradução: *Rolando Körber*
Revisão: *Débora Steiger e Mauro Nogueira*
Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e Rômulo Spier do Nascimento*

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NAA foram extraídas da Nova Almeida Atualizada (NAA), copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NTLH foram extraídas da Nova Tradução na Linguagem de Hoje®, copyright © 2000 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como BKJ foram extraídas da Bíblia Sagrada, Versão BKJ Fiel 1611, copyright © 2015 por BV Films Editora. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai
CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS
WhatsApp: (51) 98594-1960
www.chamada.com.br
pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

L719 Lieth, Norbert.
Filipenses / Norbert Lieth ...[et al.] ; tradução Rolando Körber. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2021. 208 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-89505-13-6

1. Bíblia. N.T. Filipenses - Comentários. 2. Bíblia. N.T. Epístolas de Paulo - Comentários. 3. Estudos bíblicos. I. Malgo, René. II. Peter, Fredy. III. Winkler, Nathanael. IV. Lieth, Thomas. V. Rindlisbacher, Samuel. VI. Título.

CDD 227.607

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Incentivo para levar um estilo de vida cristão (1.1-30).....	13
2. Exemplos de um estilo de vida cristão (2.1-30).....	65
3. Convite a um estilo de vida cristão (3.1-21).....	111
4. Qualificação para um estilo de vida cristão (4.1-23).....	157
Índice de conteúdo e autoria	191
Índice de textos bíblicos	195
Sobre os autores	205

INTRODUÇÃO

Autoria

O autor da carta aos Filipenses é o apóstolo Paulo (1.1), citado várias vezes ao longo da epístola. Os destinatários são os cristãos de Filipos (1.1). Em contraste com outras cartas, esta dirigida aos filipenses tem um caráter muito pessoal. A carta aos Gálatas, por exemplo, dirige-se a várias igrejas na Galácia. Já a carta aos Colossenses é uma circular que deveria ser lida também em Laodiceia (Gl 1.2; Cl 4.16).

Data

A carta aos Filipenses foi provavelmente escrita por volta do ano 61 d.C.¹ Paulo encontrava-se em Roma durante seu primeiro encarceramento (1.13-14; 4.22). Estava em prisão domiciliar enquanto escrevia e, com isso, tinha relativa liberdade. Os crentes de Filipos haviam enviado a ele uma oferta por meio de Epafrodito. Já tinham feito isso duas vezes antes, inclusive durante a estadia de Paulo em Tessalônica (Fp 4.10,15-16,18). Agora Paulo lhes escreve para agradecer a doação. Possivelmente Epafrodito tenha sido o portador dessa carta para os filipenses quando retornou de Roma para lá (2.25-30).

1 Merrill F. Unger, *Dicionário Bíblico Unger*, trad. Vanderlei Ortigoza e Paulo Sérgio Gomes (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. 494.

Filipos situava-se no norte da Grécia (na Macedônia), tendo sido fundada por Filipe II da Macedônia, o pai de Alexandre, o Grande. Filipe II havia conquistado a região por volta de 357 a.C., urbanizando e fortificando a cidade, dando-lhe o seu próprio nome. Na época do apóstolo, Filipos era a principal cidade da região (At 16.12). Os romanos ainda a melhoraram para abrigar nela soldados aposentados (veteranos) das legiões romanas. Uma vez que Filipos tornou-se dessa forma uma colônia romana, seus cidadãos tinham os mesmos direitos que os cidadãos de Roma. A *Bíblia de Estudo MacArthur* comenta a respeito: “Filipos tornou-se colônia romana em 31 d.C., por isso possuía o direito de liberdade (era autogovernada e independente do governo provincial), o direito de isenção de impostos e o direito de plena posse de terra”.²

Contexto

Aproximadamente no ano 50 d.C., Paulo quis empreender sua segunda viagem missionária, mas teve uma controvérsia com Barnabé por causa de Marcos e por isso se separaram. Barnabé levou Marcos com ele, e Paulo partiu na companhia de Silas (At 15.36-41). Quando Paulo e Silas chegaram a Listra, conseguiram Timóteo como colaborador (At 16.1-5). O plano de anunciar o evangelho na província da Ásia (a Ásia Menor, na atual Turquia) foi im-

2 John MacArthur, *Bíblia de Estudo MacArthur* (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010), p. 1463.

pedido pelo Espírito Santo (At 16.6). Quando estavam em Trôade, no noroeste da Ásia Menor, Paulo teve uma visão noturna. Um macedônio lhe dizia: “Passe à Macedônia e ajude-nos”. Reconheceram nisso a direção do Senhor e decidiram viajar à região (At 16.6-10). Com isso, o evangelho alcançou pela primeira vez o continente europeu.

Ao chegarem de navio à cidade portuária de Neápolis, passando pela Samotrácia, prosseguiram até Filipos, a capital daquela região (At 16.11-12). Chegando lá, procuraram meios de alcançar os filipenses com o evangelho. Sabiam que havia mulheres que se encontravam para orar à margem do rio, fora da cidade (At 16.13). No sábado, então, Paulo e seus missionários não foram primeiro à sinagoga, como normalmente faziam, mas foram até aquelas mulheres. Isso sugere que em Filipos quase não havia judeus.³ (Para constituir uma sinagoga, eram necessários dez homens judeus.⁴) Naquela cidade não havia sinagoga. Entre as mulheres junto ao rio havia uma comerciante de púrpura proveniente de Tiatira, chamada Lídia. Era uma mulher temente a Deus e provavelmente não era judia, como Cornélio também não era. Durante a visita de Paulo ao rio, Lídia tornou-se cristã, juntamente com toda a sua casa (At 16.14-15). Portanto, a primeira pessoa a tornar-se cristã no continente europeu foi uma mulher.

3 David H. Stern, *Comentário Judaico do Novo Testamento* (São Paulo, SP: Didática Paulista; Belo Horizonte, MG: Editora Atos, 2008), p. 314.

4 William L. Coleman, *Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos*, trad. Myrian Talitha Lins (Curitiba, PR: Editora Betânia, 2017), p. 270.

Em seguida, Paulo deparou-se com uma mulher possesa de um espírito de adivinhação. Ele expulsou o demônio dela, de modo que já não podia mais adivinhar. Todavia, a mulher proporcionara um considerável lucro financeiro aos seus senhores com suas previsões. Estava, assim, duplamente escravizada: por um lado pelo Diabo e, por outro, por aqueles que a exploravam e se aproveitavam dela para os seus próprios interesses. Afastado o espírito de adivinhação, ela não conseguia mais proporcionar lucro aos seus senhores, que, furiosos, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram até as autoridades da cidade (At 16.19-22). Como resultado, foram lançados na prisão e passaram a ser rigorosamente vigiados. Por volta da meia-noite, quando ambos oravam, cantavam e louvavam a Deus, ocorreu um terremoto, episódio que acabou levando o carcereiro e todos os de sua casa a crerem em Cristo (At 16.23-24). Paulo e Silas foram libertados da prisão e retornaram à casa de Lídia. De lá partiram em viagem para Tessalônica.

Cerca de oito anos depois, durante sua terceira viagem missionária, Paulo foi preso em Jerusalém (At 21.15-36), levado em seguida a Cesareia, e depois a Roma. Ali permaneceu mais de dois anos encarcerado ou em prisão domiciliar. Foi provavelmente perto do término do seu período de prisão em Roma que Paulo escreveu sua carta aos Filipenses (At 28.30; Fp 1.19,26; 2.23). Passaram-se, portanto, cerca de dez anos entre sua primeira visita a Filipos e esta carta. Durante esse tempo, crescera em Filipos uma igreja considerável, que até ajudou a sustentar Paulo.

Temática

O principal assunto da carta aos Filipenses é a alegria, mencionada 16 vezes em apenas quatro capítulos. Ao longo da carta, Paulo também explica aos leitores por que ele podia alegrar-se, apesar de estar preso. Afirma alegrar-se mesmo quando era derramado como se fosse uma oferta de bebida (2.17). Portanto, a carta aos Filipenses também pode ser chamada de “carta da alegria”. Filipenses 4.4 é um versículo-chave: “Alegram-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegram-se!”.

Os temas principais são: Cristo, a vida (1.21); Cristo, o exemplo (2.5); Cristo, o alvo (3.14); Cristo, a força (4.13); além da comunhão no evangelho (1.5); a confirmação do evangelho (1.7); a promoção do evangelho (1.12); a defesa do evangelho (1.17); a conduta segundo o evangelho (1.27); a fé do evangelho (1.27); o serviço do evangelho (2.22); a luta do evangelho (4.3); a proclamação do evangelho (4.15); também a mentalidade correta (1.12-19); o alvo correto diante dos olhos (1.20-24); a vida correta (1.27-30); o caráter correto (2.5-11); o propósito correto (3.12-14); o exemplo correto (3.17-21).

Outros temas dessa carta incluem: esperança confiante em meio ao sofrimento (1.12-30; 2.17-18); aconselhamento com recomendações sobre amor, humildade, concórdia e zelo (1.8-9; 2.1-2,12; 1.27-30; 2.1-5,12-16; 3.15-17; 4.2-3,5-9); advertência contra falsos mestres (3.2-4,17-19); tranquilidade (4.6-7); testemunho de Cristo (2.6-11); o testemunho pessoal de Paulo (3.4-14); o testemunho so-

bre Timóteo e Epafrodito (2.19-30); e a volta de Jesus no dia de Cristo (1.6,10; 2.16; 3.20; 4.5). Como já foi dito, a carta tem um caráter muito pessoal.

A carta aos Filipenses não cita a palavra “pecado”, fato que representa um destaque especial para aquela igreja. Onde não há pecado, a alegria predomina. O pecado, por sua vez, subtrai a alegria.

Não se fala do “dia do Senhor”, mas, em lugar dele, do “dia de Cristo” (1.6,10; 2.16; veja tb. 3.20; 4.5). A provável razão é que Paulo é o mestre das nações. Os apóstolos dos judeus escrevem sobre a volta de Jesus em glória dirigindo-se a Israel (“dia do Senhor”), enquanto o apóstolo dos gentios pensa na volta de Jesus principalmente para o arrebatamento da igreja (“dia de Cristo”).

1. INCENTIVO PARA LEVAR UM ESTILO DE VIDA CRISTÃO

Filipenses 1.1-30

Mais que uma saudação (1.1-2)

1.1-2 Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos: A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

Os dois primeiros versículos da carta aos Filipenses são mais do que uma mera saudação. Portanto, não se pode dizer que o conteúdo “propriamente dito” comece só no versículo 3. É que a primeira sentença caracteriza toda a carta e por isso funciona como “cartão de visita”.

O versículo 1 fala de “Paulo e Timóteo”. Paulo, transformado de “blasfemo, perseguidor e insolente” (1Tm 1.13) em “apóstolo de Jesus Cristo” (Tt 1.1), conquistara o jovem Timóteo como colaborador em sua segunda viagem missionária (At 16.1-5), tendo-o levado com ele também em sua terceira viagem. Por isso, os filipenses estavam informados sobre Timóteo. Contudo, após a saudação introdutória (Fp 1.1-2), Paulo passa a adotar o estilo pessoal (“eu”) até o fim da carta, o que nos faz supor que Timóteo não tenha sido coautor, mas que Paulo lhe tenha ditado a carta aos Filipenses. Paulo o menciona porque se tratava do

seu colaborador mais fiel e confiável, um “filho amado e fiel no Senhor” (1Co 4.17). Além disso, Paulo pretendia enviar em breve Timóteo aos filipenses (2.23).

Cartões de visita costumam citar apenas a qualificação de trabalho mais importante e característica. É interessante notar o que Paulo *não* escreve no versículo introdutório – afinal, em nove de suas 13 cartas ele se apresenta como “apóstolo” logo no primeiro versículo.⁵ Para os filipenses, porém, ele omite sua função apostolar. Nada ali questionava sua autoridade, e assim ele se apresenta junto com Timóteo como “servos de Jesus Cristo”.

A palavra grega para “servo” é *doulos* e literalmente significa “escravo”. Hoje essa palavra é vista em conexão com a terrível exploração de homens negros por uma elite branca. Paulo, no entanto, utiliza esse conceito no contexto da cultura greco-romana do primeiro século. Naquela época, a escravidão era um componente social amplamente disseminado e reconhecido, e muitas cidades possuíam um número elevado de escravos, o que não era diferente em Filipos.

A escravidão romana não se restringia a pessoas de determinada etnia. A maioria dos escravos nascia no domicílio do seu senhor, crescia ali, muitas vezes recebia algum tipo de formação e podia trabalhar em qualquer profissão exercida também por homens livres. Ainda assim, é preciso registrar que os escravos muitas vezes estavam sujeitos a tratamento cruel e brutal da parte de senhores tirânicos. O

5 Rm 1.1; 1Co 1.1; 2Co 1.1; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Tm 1.1; 2Tm 1.1; Tt 1.1. Em 1 e 2 Tessalonicenses não há nenhuma descrição, e em Filemom consta “prisioneiro de Cristo Jesus”.

escravo pertencia irrestritamente ao seu proprietário. Legalmente, era considerado objeto e não pessoa. A posição social de um escravo romano dependia do poder e da honra do seu dono. Escravos fiéis e esforçados podiam tornar-se senhores de outros escravos e, tanto na Grécia como em Roma, podiam conquistar a liberdade e a cidadania. Todos esses fatos eram conhecidos dos crentes do primeiro século, e vários deles também eram escravos.

A maioria das traduções reproduz *doulos* como “servo”. No entanto, servos e serviçais eram empregados, enquanto escravos eram propriedades que pertenciam integralmente ao seu senhor. Nas traduções brasileiras, uma exceção é a Nova Versão Transformadora, que traduz *doulos* em Filipenses 1.1 como “escravos”.

Todo escravo tem o seu senhor. Jesus aponta para isso quando constata que “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6.24). O testemunho bíblico é claro: somos todos escravos! Só existem escravos do pecado, dependentes de Satanás, ou escravos da justiça, resgatados do inimigo e dependentes de Jesus Cristo (Rm 6.17-18).

Em Gálatas 3.13, Paulo lança mão de um conceito que em seu tempo se aplicava à compra ou remissão de um escravo: “Cristo nos redimiui da maldição da Lei”. Por sua morte na cruz, Jesus Cristo pagou o preço máximo por nós. Agora, como escravo redimido e liberto, Paulo aplica essa designação como óbvia ao relacionamento dele e de Timóteo com o Senhor e Mestre Jesus Cristo: àquilo que eles realmente eram, à sua nova identidade – eles são “escravos de Jesus Cristo”. Com a mesma expressão apresentam-se

também Pedro (2Pe 1.1), Tiago (Tg 1.1), Judas (Jd 1) e João (Ap 1.1). Seria então espantoso que no céu só existam escravos? “O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos [*doulos*] o servirão” (Ap 22.3).

O mais comovente, porém, é que o próprio Senhor se declara escravo em sua humilhação: Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, afirma que Jesus, ao tornar-se homem, assumiu a “forma de servo” (Fp 2.5-8, NAA), que literalmente significa forma de escravo! “Nenhum escravo é maior do que o seu senhor” (Jo 13.16), então Jesus não é um prestador de serviços para satisfazer meus desejos, mas o Senhor de todos os senhores, que me resgatou e com isso adquiriu todos os direitos sobre mim. Como cristão, sou escravo de Jesus Cristo. Ele pode dispor de mim da maneira como quiser.

Todavia, não somos apenas escravos. Em Filipenses 1.1b, Paulo dirige-se “a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos”. Os santos não são gente “super piedosa”, ou alguma elite da cristandade. Por princípio, as epístolas pastorais chamam de santos todas as pessoas salvas pelo Senhor Jesus Cristo e com isso santificadas de uma vez por todas (1Co 6.11; Hb 10.14). Cristãos são santos “em Cristo Jesus” e não graças aos seus próprios feitos. Ser santo significa ser separado para o Senhor, de forma independente do nosso comportamento. É preciso distinguir entre a posição e o estado. De maneira bem prática, isso significa que nossos pensamentos, nossos sentimentos, nossos desejos, o que falamos e fazemos deveria

cada vez mais coincidir com nossa posição de santos. A Bíblia chama esse processo de santificação (cf. Fp 2.12; 3.12).

Em seguida, Paulo também se dirige à liderança da igreja. Os “bispos”, ou “supervisores” (*episkopois*), ou presbíteros (*presbyterios*) ou pastores (*poimenos*) são os líderes espirituais da igreja, responsáveis pelas necessidades espirituais dela, sua proteção e seu progresso. A capacitação característica para essa função é descrita em 1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9. Os “diáconos” (*diakonoi*) servem à igreja ao lado e sob a liderança dos presbíteros. As qualificações dos diáconos também são descritas em 1Timóteo 3.8-13, mas não se definem atribuições específicas. Por princípio, seu serviço abrange todas as áreas da vida da igreja.

Paulo encerra sua saudação em Filipenses 1.2: “A vocês, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”. Esta é a fórmula padrão de saudação em todas as 13 cartas de Paulo. Na verdade, é um resumo do evangelho, uma exata descrição dos efeitos da salvação. “Graça” (grego, *charis*) é o imerecido favor divino, um presente. Essa saudação é uma variante da saudação padrão da época – *chairein* – algo como “alegrem-se”. “Paz” (*eirēnē*) é uma consequência da “graça” – é o resultado da salvação. Trata-se aqui de algo mais do que só reconciliação, incluindo também felicidade e bem-estar. É interessante que, na mitologia grega, Irene, filha de Zeus, o pai dos deuses, tinha a função de deusa da paz. Então é possível que Paulo talvez quisesse mostrar com essa saudação que a graça e a efetiva paz provêm apenas do Senhor. A fonte única e comum aqui é “de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo”. O conec-

tivo “e” indica que o Pai e o Filho estão no mesmo nível. Jesus é Deus! Paulo deseja que essa graça divina e essa paz divina aumentem ainda mais entre os filipenses.

A carta da alegria (1.3-6)

1.3-6 Agradeço a meu Deus toda vez que me lembro de vocês. Em todas as minhas orações em favor de vocês, sempre oro com alegria por causa da cooperação que vocês têm dado ao evangelho desde o primeiro dia até agora. Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus.

É bonito ver gente grata e satisfeita. Filipenses 1.3-4 diz: “Agradeço a meu Deus toda vez que me lembro de vocês. Em todas as minhas orações em favor de vocês, sempre oro com alegria”.

Em geral, a gratidão tem algum motivo específico. Um exemplo poderia ser uma família em que tudo transcorre de forma espiritual e tranquila. Dificilmente haverá algo mais belo! Inversamente, é triste quando há familiares que não nos acompanham na fé. Quando alguém do nosso círculo mais íntimo envereda por um caminho não espiritual, aquilo representa um peso e desanima. E como sofrem os pais quando algum dos seus filhos adoce gravemente!

Paulo não tinha família própria. Sua família eram as diversas jovens igrejas. Ele era o pai espiritual de muitos crentes (1Co 4.15-16; Fp 2.22; 1Ts 2.11; 1Tm 1.2; 2Tm 1.2; Tt 1.4). Em certa ocasião, ele até se comparou com uma

mãe que cuida dos seus filhos e tem saudade deles (1Ts 2.7-8). Paulo carregava as igrejas no coração como um pai ou uma mãe, pensando nelas dia e noite. Preocupava-se com elas, sofria com elas, orava por elas e alegrava-se com elas. Além disso, as admoestava e consolava (Rm 1.8; 1Co 1.4; 2Co 1.3; Gl 1.6; Cl 1.3-4; 1Ts 1.2; 3.7-10; 2Ts 1.3-4; 2Tm 1.3-5; Fm 4-5).

Os filipenses só davam alegria a Paulo e eram motivo de gratidão a Deus: “Agradeço a meu Deus toda vez que me lembro de vocês” (Fp 1.3). Quando alguém pensa em nós, qual será a primeira coisa que lhe vem à mente? Para Paulo, sua gratidão era ao mesmo tempo um incentivo para interceder com alegria: “Em todas as minhas orações em favor de vocês, sempre oro com alegria” (1.4). Interceder com alegria e gratidão é muito melhor do que fazê-lo por preocupação, tristeza ou aborrecimento porque o outro nos entristece. No versículo 4, a palavra “alegria” aparece pela primeira vez nesta carta. Podemos contribuir para a alegria dos outros! Paulo estava na prisão, mas intimamente estava livre porque tinha alegria e recebia ânimo. Inversamente, existem pessoas exteriormente livres e intimamente presas, sobrecarregadas e infelizes. Temos a responsabilidade mútua de contribuir para a alegria dos outros, mas às vezes o que mais geramos é tristeza. Não deveria ser assim.

Paulo estava grato “por causa da cooperação que vocês têm dado ao evangelho desde o primeiro dia até agora” (1.5). Era motivo de alegria o fato de que os filipenses se dedicavam ativamente ao evangelho desde sua conversão e do início da igreja. Participaram de todas as provações,

trabalhos e lutas e apoiavam a divulgação do evangelho por meio de dedicação pessoal, oração e ajuda material. Além disso, mantinham contato com Paulo da melhor maneira possível. Assim, por exemplo, enviaram Epafrodito até Roma para visitá-lo e informar-se sobre sua situação e suas necessidades (Fp 4.10,14-16,18). Por isso, Paulo chamou Epafrodito de alguém que soube “atender às minhas necessidades” (2.25). Isto torna compreensível por que Paulo sentia tanta gratidão pelos filipenses: eles tomavam parte em sua prisão e suas preocupações.

Com esse testemunho sobre os filipenses, a Bíblia nos confronta com um genuíno desafio, porque é assim que a igreja deveria funcionar, é assim que os relacionamentos devem ser. Devemos nos apoiar juntos e uns a favor dos outros na divulgação do evangelho, colaborando nessa tarefa com todos os meios ao nosso dispor. Também devemos nos sustentar mutuamente, pois, quando cuidamos das necessidades do próximo, trabalhamos a favor do evangelho. A baronesa Marie von Ebner-Eschenbach disse: “Se cada um quisesse ajudar aos outros, todos seriam ajudados”.

Em relação aos filipenses, Paulo tinha a convicção de que “aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus” (1.6). Antes de tudo, essa declaração aponta para a certeza da salvação. Paulo não vacilou em seu raciocínio. Ele não disse:

“Penso que aquele que em vocês...”

“Poderia imaginar que aquele que em vocês...”

“Desejaria que aquele que em vocês...”

“Espero que aquele que em vocês...”

Não, Paulo estava plenamente convicto de que Deus havia plantado neles a sua obra do novo nascimento. É só com base no começo dessa obra que se torna possível agir em favor do evangelho. E Paulo tinha certeza: Deus também continuaria a promover e completar essa obra entre os filipenses. Não tinha preocupações a respeito. Encontramos ainda um paralelo em Filipenses 2.13: “Pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele”.

Deus nunca abandona uma obra pela metade. O alvo de Deus com sua igreja não é obscuro. Sua atuação nela baseia-se em sua Palavra, suas promessas, e sua história tem um alvo claro: Deus a completará “até o dia de Cristo Jesus” (1.6). O “dia de Cristo Jesus” não é o “dia do Senhor”. Paulo nunca menciona este dia na carta aos Filipenses, mas ele cita duas vezes o “dia de Cristo” (cf. 1.10; 2.16). O “dia do Senhor” refere-se à volta de Jesus em glória após a grande tribulação. Esse dia tem a ver com julgamentos e já é mencionado no Antigo Testamento (como Sf 2). O “dia de Cristo Jesus” é a volta de Jesus para sua igreja, o arrebatamento no qual nosso corpo será transformado (Fp 3.20).

Com vista à igreja, Paulo vislumbra o arrebatamento e o tribunal premiador a ele relacionado (Rm 14.8; 2Co 5.10). Naquele dia se tratará da avaliação das nossas obras. Ao que parece, Filipenses 1.10 e 2.16 também aludem a isso. Podemos manter uma feliz expectativa desse dia. Paulo tinha certeza de que o Senhor completaria até então a obra que iniciara. Vamos abrir-nos para essa verdade e esperar mais

do Senhor e do poder do seu Espírito, que nos impele, nos incentiva e que nos situou em Cristo!

Fica evidente que Paulo não temia que pudesse ser diferente com os filipenses. Assim, ele revelou claramente um pensamento positivo (no bom sentido). Não há sinais de dúvida aqui. Muitas vezes, após um elogio, nós logo acrescentamos uma advertência: “Tudo bem, no momento você está no bom caminho, tem foco espiritual e me alegra, mas tomara que continue assim; por favor, segure as pontas, não relaxe, tenha cuidado, seja vigilante, preste atenção quando for tentado; estarei orando por você”.

A atitude de Paulo foi completamente diferente. Olhando para a atuação de Deus, ele se mostrou totalmente seguro. Consciente do poder de Deus, ele estava cheio de confiança. “Tenho a convicção de que tudo andar bem com vocês. Deus completará a obra que iniciou em vocês. Ele, que a iniciou, também a terminará. Deus continuará agindo em vocês.”

Podemos aprender muito dessa postura positiva de fé. Quando esbarramos nos nossos limites, mesmo assim a caminhada de repente prosseguirá. E isso ocorrerá sem que tivéssemos algo a contribuir. Por isso, deveríamos cada vez mais contar pela fé com o poder eficaz de Deus e tirar proveito dos recursos da oração.

Precisamos uns dos outros (1.7-8)

1.7-8 É justo que eu assim me sinta a respeito de todos vocês, uma vez que os tenho em meu coração, pois, quer nas

correntes que me prendem, quer defendendo e confirmando o evangelho, todos vocês participam comigo da graça de Deus. Deus é minha testemunha de como tenho saudade de todos vocês, com a profunda afeição de Cristo Jesus.

Paulo inicia o versículo 7 dizendo: “É justo que eu assim me sinta a respeito de todos vocês”. Paulo considera-se no direito de ser grato pelos filipenses. No versículo anterior, ele escreveu: “Estou convencido de que aquele que começou boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”. É Deus que começou em nós uma boa obra e nos conduzirá até o dia de Cristo Jesus. Paulo expressa a sua gratidão no versículo 7 em razão desse fato e da confiança em Deus.

Paulo era um pai espiritual para a igreja em Filipos. Ele era o fundador da igreja. Numa igreja, não são apenas os líderes oficiais que atuam como pastores. Muitos são os que exercem o pastoreio na comunidade. Trata-se, por exemplo, dos professores e professoras de escola dominical ou da liderança de adolescentes e jovens, assim como do pregador que no domingo expõe a Palavra de Deus. De certo modo, também todos os pais e mães são pastores espirituais.

Em sua função de pastor espiritual, Paulo era um exemplo. Uma qualidade que observamos nele nesta passagem é a sua união com outros crentes. O versículo 7 continua dizendo: “... uma vez que os tenho em meu coração”. Paulo estava em Roma, muito longe dos filipenses, mas ainda assim unido a eles. Ele ora por eles e conhece-os pelo nome. Para ele, o que eles pensam é importante. Portanto, não se

trata de modo nenhum de algum contato superficial, mas de um relacionamento por meio de sentimentos e pensamentos. O coração que Paulo menciona no versículo 7 é o lugar de onde provêm todos os nossos pensamentos e sentimentos, tanto os bons como os maus. Deuteronômio 6.5 diz: “Ame o SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças”. Deus quer que o amemos com tudo o que somos. Se fizermos isso, a consequência será que não existirá mais nenhuma área da nossa vida que não amarará o Senhor. No mesmo sentido, Paulo tinha grande zelo pela igreja em Filipos. Ela não era algo secundário para ele, mas uma missão de vida. Ele se perguntava o que seria importante para os membros da igreja e o que os ocupava. Esta deve ser a postura de um pastor. Ele não deve apenas dirigir, mas também preocupar-se com a sua comunidade, mesmo estando longe dela.

O exemplo a seguir mostra um líder como esse: um pastor convidou um jovem da sua igreja para jantar em sua casa. Aquele jovem era muito bem-sucedido e muito rico. Durante a refeição, os dois homens conversavam. Aí, subitamente, o jovem perguntou: “De quanto vocês precisam?”. O pastor indagou o motivo da pergunta. O jovem pensara que o pastor o tivesse convidado para receber dele dinheiro para a igreja, mas o pastor respondeu: “Eu só quero saber como você está passando”. Para Paulo, importava como os filipenses estavam passando.

O versículo 8 diz: “Deus é minha testemunha de como tenho saudade de todos vocês, com a profunda afeição de Cristo Jesus”. Seu amor não dependia de simpatia ou anti-

patia. Ele também não excluía nenhum povo. Cada indivíduo da igreja era importante para ele. Paulo estava integralmente moldado pelo amor de Cristo.

O Senhor Jesus, o modelo de Paulo, não fez diferença entre gentios e judeus. Para os judeus era difícil aceitar outros. Paulo distinguia-se dos outros judeus neste aspecto. Ele tinha zelo pela igreja em Filipos. O versículo 8 fala do seu amor profundo. O termo grego utilizado aqui (*splanchnois*) é muito intenso: um amor apaixonado, um amor que domina a pessoa inteira. Assim, a união de Paulo com a igreja torna-se compreensível.

Ser líder espiritual não é profissão, mas vocação. Até aqui vimos Paulo como líder espiritual. Do outro lado está a igreja. Qual é a posição dela em relação a Paulo? Qual é a nossa posição em relação às pessoas que dirigem a nossa igreja ou pregam nela? O que transmitimos aos nossos filhos a respeito de como devem se comportar com relação aos seus professores e professoras de escola dominical?

O versículo 7 diz: “É justo que eu assim me sinta a respeito de todos vocês, uma vez que os tenho em meu coração, pois, quer nas correntes que me prendem, quer defendendo e confirmando o evangelho, todos vocês participam comigo da graça de Deus”. Ou seja: os filipenses estavam tão unidos a Paulo quanto ele estava unido a eles. Paulo era um pastor exemplar e um pai espiritual – e os filipenses formavam uma igreja exemplar em todo o seu procedimento. Paulo estava grato por eles porque viviam unidos com ele em seu ministério. Essa união não consistia apenas em palavras. É fácil e rápido dizer: “Estou orando por você”.

Mas como fica tudo em seguida? Será que talvez, quando chegarmos em casa, nos limitaremos a pensar ligeiramente nisso? Para os filipenses, tratava-se de mais do que palavras. Eles estavam unidos a Paulo por palavras e atos. O bem-estar de Paulo era importante para eles, e queriam encorajá-lo. Enviaram até ele Epafrodito com um donativo, embora eles mesmos também passassem por aperto financeiro.

Nos EUA, muitas igrejas dão valor ao bem-estar do seu pastor. Entende-se que ele deve poder colocar todo o seu tempo à disposição da igreja, sem preocupações com questões terrenas. Os filipenses forneceram-lhes o modelo disso. Era importante para eles que aquele irmão que lhes ministrava a Palavra passasse bem. Queriam ajudar para que Paulo pudesse prosseguir em seu ministério de defesa e confirmação do evangelho.

A expressão “defesa do evangelho” descreve a tarefa de dar satisfações aos críticos a respeito da fé. As pessoas no mundo precisam receber claras explicações sobre o evangelho. A “confirmação do evangelho” é um ministério dentro da igreja. É importante que os membros da igreja avancem na fé. Seria triste se o crescimento espiritual de um crente não registrasse progressos por uma década. O processo de crescimento de uma igreja requer líderes que se importem com o bem-estar de cada indivíduo dentro dela, para que todos cresçam na comunhão com o seu Senhor e Salvador.

Os filipenses estavam preocupados em continuar crescendo. Preocupavam-se com aquele que os tinha levado à conversão. Estavam unidos na obra do Senhor. Para Paulo, os filipenses eram uma obra da graça, uma obra de Jesus Cristo.

Um pastor precisa de uma igreja e uma igreja precisa de um pastor. A dependência é mútua. São assustadores os repetidos relatos sobre estudantes de teologia que se tornam pastores de alguma igreja imediatamente após a conclusão do seu curso. Será que eles conhecem suas igrejas? Trata-se de mais do que só organização. Trata-se da vida espiritual.

Como está a situação na sua igreja? Que importância têm para você os interesses da sua igreja? Você tem apoiado os líderes por meio da oração? Você ora pelos pastores? Eles dependem da oração!

Fico envergonhado quando leio no relato de um missionário na Argentina que ele ora diariamente pela nossa igreja aqui na Suíça, enquanto eu mesmo não o faço...

Os missionários são outros que dependem das nossas orações. Será que nos preocupamos com o bem-estar deles? Os filipenses estavam dispostos a sacrifícios financeiros para que Paulo recebesse algum alento.

Conclusão dessa passagem bíblica: precisamos uns dos outros!

Amor e conhecimento devem andar juntos (1.9-10)

1.9-10 Esta é a minha oração: Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento e em toda a percepção, para discernirem o que é melhor, a fim de serem puros e irreprensíveis até o dia de Cristo.

Um grande propósito preenche o coração de Paulo: ele quer que a igreja de Deus em Filipos cresça espiritualmente tanto de forma coletiva como na vida individual de cada crente. Seu alvo é poder apresentá-la “irrepreensível” diante de Jesus. Quer entregá-la a Jesus sem falhas, sem escândalos, irrepreensível e totalmente livre de culpa. Esse é o desejo do seu coração.

Paulo revela-nos o seu coração – o coração de um pastor. Paulo é um pastor que luta pelas igrejas e em favor de cada crente na igreja. Ele sofre intimamente quando algum dos membros da igreja se desvia por caminhos errados. Chora com eles e compartilha sua alegria com eles. Cada crente individual importa para o coração de Paulo.

Seria assim conosco também? Lutamos na igreja em favor de cada crente individual? Note-se que esse desejo de Paulo não se limita à igreja em Filipos, mas se estende à de Corinto e aos crentes em Éfeso e Tessalônica. Como exemplo, lemos na carta aos Efésios: “... para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável” (Ef 5.27). Esse desejo é o que impulsiona Paulo.

O propósito descrito aqui impele Paulo à oração. Ele quer apresentar a igreja em Filipos sem mancha nem ruga diante de Deus. No versículo 9, ele escreve: “Esta é a minha oração”. O conteúdo da oração é: “Que o amor de vocês aumente cada vez mais”. Paulo ora especificamente pelo crescimento da igreja em Filipos.

Será que também fazemos isso? Oramos pelas necessidades que percebemos? Oramos pelas dificuldades, por famílias com problemas?

Paulo está empolgado com o amor de Deus. Em sua vida pregressa, o apóstolo havia sido fariseu. Considerando-se justo, sua principal incumbência era guardar a lei da forma mais exata possível. Ao mesmo tempo, o objetivo de um fariseu era juntar o máximo de dinheiro possível (Lc 16.14). Mas o amor de Deus não havia mais largado aquele homicida. Esse amor subjugara o antigo perseguidor de cristãos, que odiava Jesus. Paulo sabia que sua culpa fora perdoada pelo amor de Deus, transformando aquele fariseu orgulhoso e autojustificador em um mensageiro de Jesus Cristo. Por ter experimentado esse amor em sua própria vida, Paulo ora pela igreja em Filipos: “Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento” (1.9).

Paulo solda inseparavelmente entre si as noções de “amor” e de “conhecimento” ao dizer isso. Só ao conhecer ou saber o que Jesus fez é que também posso amá-lo. Só quando souber quem Jesus é posso também adorá-lo com verdadeiro amor. Paulo tem conhecimento de Jesus. Ele ficou tão tomado pela pessoa de Jesus que não podia fazer outra coisa senão adorá-lo.

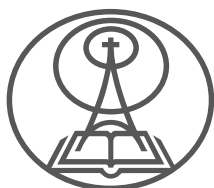
Em que medida você está tomado por Jesus? Até que ponto ele domina você? Como você chegou a conhecer Jesus? Se eu alcançar o conhecimento divino e passar a experimentá-lo também pessoalmente em minha vida, isso inevitavelmente me conduzirá à adoração. Quanto mais o plano divino da salvação tomar conta da minha vida, tanto

mais estarei contente e despreocupado. Será um estado de contínua admiração da pessoa de Deus, do milagre da redenção, da graça de Deus e da glória de Jesus Cristo. Só me restará então prostrar-me e adorar, e nessa adoração meu amor cresce e transborda. Por isso, Paulo diz: “Que o amor de vocês aumente cada vez mais em conhecimento”.

Será que amamos muito pouco porque não o conhecemos, porque não entendemos quem Deus é? Será que amamos tão pouco porque Jesus é tão pequeno para nós e talvez nunca nos aprofundamos até agora nos contextos bíblicos?

O Senhor Jesus nos mostra um amor transbordante numa ocorrência relatada pelo evangelista Lucas: “... certa mulher daquela cidade, uma pecadora, trouxe um frasco de alabastro com perfume e se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com suas lágrimas. Depois os enxugou com seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume” (Lc 7.37-38). O que a mulher fez foi o resultado de ela reconhecer a pessoa de Jesus e aquilo que o Senhor Jesus fizera na vida dela. Isso gerou nela um amor transbordante. No entanto, as outras pessoas presentes não compreenderam o seu ato. Jesus é diferente e legitima seu comportamento ao dizer que “o grande amor que ela mostrou prova que os seus muitos pecados já foram perdoados” (Lc 7.47, NTLH).

Quando reconheço quem Jesus é, o que ele fez e significa para mim, não posso reagir de outra forma a não ser transbordar de amor. Foi exatamente o que aquela mulher fez. Ela era uma pecadora notória na cidade, mas entendeu o que Jesus significava para ela. Na luz de Jesus, reconheceu



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br